

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a33>

Recebido em: 27/05/2026

Aceito em: 30/06/2026

**A SITUAÇÃO DO HOMEM HOMOSSEXUAL, AFEMINADO E NEGRO NA
SOCIEDADE: A MINORIA NAS MINORIAS**

**THE SITUATION OF THE HOMOSEXUAL, EFFEMINATE, AND BLACK MAN IN
SOCIETY: THE MINORITY WITHIN MINORITIES**

Hiago de Paiva Cardoso

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4362-5812>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3127561396143773>

Mestrando em História da Amazônia
Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil
E-mail: hiago.unir@gmail.com

RESUMO

Este trabalho consiste em apresentar a condição social do homossexual afeminado e negro a partir do conceito de interseccionalidade de Carla Akotirene. De acordo com a autora, esse conceito permite uma maior compreensão acerca das desigualdades raciais existentes. Tenciona-se evidenciar a supressão deste sujeito por uma tripla categoria, a de homossexual, afeminado e de negro. Três fatores determinantes para uma marginalização integral dentro de uma sociedade heteronormativa e ideologicamente branca.

Palavras-chave: Homossexual; negro; masculinidade; interseccionalidade; racismo.

ABSTRACT

The study consists of presenting the social condition of effeminate, black and homosexual men using the concept of intersectionality by Carla Akotirene. According to the author, this concept allows a better understanding about the existing racial inequalities. It plans to highlight the suppression of the subject by a triple category, homosexuality, effeminacy and black color. Three factors that can determine a full marginalisation inside a heteronormativity and ideologically White society.

Keywords: Homosexual; black; masculinity; intersectionality; racism.

1 INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, a nova história cultural amplia o campo da pesquisa em história possibilitando um estudo mais aprofundado das estruturas e relações sociais através da vida cotidiana. A partir disso, entende-se que a história não é sempre linear, mas depende de problematizações e interpretações realizadas durante o processo historiográfico. Com isso é necessário investigar, identificar e analisar minuciosamente as normas, padrões e comportamentos sociais estabelecidos durante o processo colonizador nas sociedades colonizadas pela Europa. Nesse artigo, nosso foco está no padrão heteronormativo que estabeleceu características, comportamentos e funções masculinas na perspectiva da masculinidade hegemônica.

O termo *minoría* presente no título deste trabalho, trata-se de um conceito sociológico utilizado para definir grupos sociais marginalizados por definições e padrões sociais construídos culturalmente (maioritários). Normalmente, as minorias recebem um tratamento discriminatório por parte da maioria, o que implica diretamente no seu *locus* social e seu lugar de fala na sociedade. Para esta pesquisa, optamos por um recorte dentro da diversidade de grupos minoritários na sociedade. Anisaremos o homem homossexual, afeminado e negro que reúne características que o classifica como *minoría* em mais de uma categoria como veremos adiante.

Historicamente a sociedade foi estruturada em padrões raciais, étnicos, sexuais e religiosos através do discurso evolucionista que classificou a normatização social entre superiores e inferiores. O desenvolvimento progressista desta sociedade, foi possível através de pilares estruturantes amparados conscientemente ou inconscientemente por concepções teológicas ocidentais, proporcionando a normatização ideológica patriarcal, cristã, branca e heterossexual. Como um dos resquícios da colonização, o discurso cristão implícito nas constituições de países ocidentais, há tempos tem reforçado essas padronizações como por exemplo no que se refere à ideia de família. Embora desde o ano de 2013 reconheça a união estável entre casais homossexuais, a constituição brasileira em seu artigo 226, reconhece como família a união monogâmica/nuclear oficial e religiosa entre um homem e uma mulher.

A normatização heterossexual desconhece e marginaliza a realidade de grupos homossexuais. Este fato cria uma situação de invisibilidade e exclusão social a estes grupos,

inviabilizando e obstaculizando suas necessidades básicas como a aceitação em ambientes familiares, escolares, profissionais, religiosos e etc. Essa normatização tornou-se com o passar do tempo, uma ação social tradicional de forma inconsciente na sociedade através de práticas simples e cotidianas como a determinação de cores para meninas e meninos, nas brincadeiras infantis, quando por exemplo o brincar de casinha e fazer comida é uma atribuição feminina – reforçando a tarefa doméstica e do cuidado à função feminina - e o jogar bola, brincar de polícia e motorista são atribuições masculinas.

A indústria cultural por sua vez também se apropria dessas práticas produzindo objetos de formas e cores determinadas ao masculino e ao feminino, padronizando comércios, profissões e atendimentos definidos por sexo, como a distinção entre o salão de beleza – espaço profissional predominantemente feminino - e a barbearia – espaço profissional hegemonicamente masculino - por exemplo, e assim por diante. Essas ações estruturantes, consolidam a estrutura do patriarcalismo e da heterossexualidade normativa na sociedade. Atentos para essa realidade, buscamos neste trabalho fazer um recorte sobre a situação do homossexual afeminado e negro na sociedade, pois se há rótulos, estereótipos, preconceito e limitações ao homossexual por sua orientação sexual¹, procuramos entender a especificidade de um homossexual que reúne três categorias de preconceito, o fato de não ser heterossexual, não ter características comportamentais masculinas e não ser branco.

Para a realização deste trabalho, utilizamos de breve levantamento bibliográfico sobre a questão do lugar de fala, interseccionalidade e identidades de gênero e o método de técnicas de oralidade através de entrevistas² com três homossexuais em diferentes posicionamentos sociais.

¹ Termo utilizado para se referir às diferentes formas de atração afetiva e sexual do ser humano independente de gênero.

² As perguntas do questionário da entrevista estão nos anexos deste trabalho.

2 NINGUÉM NASCE HOMEM, TORNA-SE HOMEM³: A CONSTRUÇÃO DAS SEXUALIDADES E DA MASCULINIDADE

Em seu “O segundo sexo”, Simone de Beauvoir (1949) mostra a partir da perspectiva moral existencialista, como estão constituídas as marcas que excluem as mulheres do acesso à individualidade e, portanto, à liberdade. Assim, ser mulher não era uma eleição, na perspectiva de Beauvoir, mas uma determinação. Dessa forma apresentaremos que a identidade masculina também parte de uma construção cultural estruturada historicamente pela condição física do macho em relação a fêmea.

Para Connell (1995; 2000), Badinter (1993) e Moita Lopes (2002; 2006), as masculinidades são construções baseadas em projetos hegemônicos. Ou seja, trata-se de algo imaginado, criado, padronizado e disseminado através de práticas e performances tidas como masculinas tais como, o uso da força, a liderança e chefia familiar estrutural e econômica e a atividade sexual sem restrições. Observemos que as estruturas sociais nos levam a uma educação e determinação do agir e do modo de ser masculino. Dessa maneira, assim como as mulheres, homens aprendem a ser homens por meio de um conjunto de regras, gostos, comportamentos e até discurso com falas que desfecham com a frase “coisa de macho”. Essa construção do ser homem, padronizada e enraizada na sociedade, define o grupo masculino inspirando adesão a esses comportamentos e práticas como uma marca de pertencimento à categoria. Sendo a possibilidade de se desviar desse caminho, uma desonra e ao mesmo tempo uma ameaça à postura do sujeito. Sobre esse fato, Caetano, Hernandez e Júnior (2015) confirmam:

Nessa jornada, a família constitui o núcleo social em que a criança receberá as primeiras noções sobre o que é ser homem ou mulher. Será nesse núcleo que a criança aprenderá os primeiros significados de como deve se portar para corresponder às normas impostas pela sociedade à qual pertence (Caetano; Hernandez; Júnior. 2014, p. 5).

Nessa perspectiva, a masculinidade imaginada, criada, e praticada no meio social torna-se um padrão que simboliza uma identidade de gênero. Esta identidade enraizada culturalmente

³ Este subtítulo propõe-se a parafrasear um trecho do livro O segundo sexo, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949.

na natureza masculina, implica na postura dos homens independente de sua orientação sexual, pois de acordo com pesquisa realizada através de entrevistas com homossexuais, constatamos que existe subdivisões desta categoria de acordo com o padrão comportamental. São elas: Ativo (para quem tem a postura/função masculina na relação sexual), passivo/passiva (para quem tem a postura/função feminina na relação sexual), versátil (para quem desempenha os papéis de ativo e passivo na relação sexual), “bicha boy” (para homossexuais não afeminados), as “Barbies” (para homossexuais afeminados), as “poc’s” e/ou “pão com ovo” (para homossexuais afeminados e de condição econômica muito baixa), entre outras. Vale ressaltar que de acordo com nossos entrevistados, essas duas últimas terminologias são variáveis de acordo com cada sociedade e seu regionalismo.

Mesmo de forma inconsciente no grupo, percebe-se o preconceito com a natureza feminina de um homem homossexual, ao se rotular o sujeito afeminado estereótipos como de “Barbie”. Diante das construções e pressões sociais, o indivíduo que não se vê, não se sente e não se comporta como a figura masculina estruturada culturalmente, não pode negar sua identidade máscula, pois é um homem biologicamente. É interessante ressaltar também que até o modelo feminino utilizado como referência à mulher, é o da boneca Barbie, uma personagem infantil produzida pela indústria cultural que estabelece um padrão de beleza feminino baseado na mulher branca, de olhos claros, loira, europeia e rica, negando assim a variedade de belezas femininas que incluem a mulher negra por exemplo.

A questão do ser negro é outro fato que historicamente pôs o sujeito em desvantagem. Essa situação proporciona um lugar subalterno na sociedade de e ausência de representatividade, onde suas histórias e a realidades são sempre escritas e contadas por quem o domina. Sobre este fato, Djamila Ribeiro (2019) nos diz que:

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, ‘mimimi’ ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando o poder (Ribeiro, 2019, p. 79).

Apoiado na teoria evolucionista e da seleção natural, a ideologia europeia subjogou o negro em condições desumanas de inferiorização, exclusão e marginalização, forçando ao trabalho braçal e escravo, desconsiderando suas culturas, línguas, crenças e comportamentos

simplesmente pelo fato da cor da sua pele não ser branca. A partir disso temos um paradoxo, ao tempo que ser negro historicamente é símbolo de inferioridade social, intelectual e cultural, mesmo que animalizado, era também símbolo de força física e resistência. Características da identidade masculina atribuídas ao negro somada a sua inferioridade intelectual e cultural, reforçou a ideia da aptidão ao trabalho braçal e sua condição de escravo.

Em trechos da música “*Meu Ébano*” da autoria de Nelson De Moraes Filho e Paulo Roberto Dos Santos Rezende e interpretada pela cantora Alcione, podemos destacar essas características da masculinidade negra, ao se falar que “*é um negão tirar o chapéu*”, ele é bom dançarino, musculoso e forte. Ao se dizer que “*não posso dar mole senão você créu*” e “[...] *a sensualidade da raça é um dom. É você, meu ébano é tudo de bom.*” Reforça a ideia da postura e beleza física do homem negro. Este é o que tem apetite sexual e pênis grande, símbolos da masculinidade.

Diante dessas constatações, o homossexual afeminado e negro, reúne três características que o inferioriza em uma sociedade heteronormativa. Para tratar dessa situação, Carla Akotirene (2001), estabeleceu o conceito da interseccionalidade o qual trabalharemos a seguir.

3 A INTERSECCIONALIDADE NO HOMOSSEXUAL AFEMINADO E NEGRO E SEU LUGAR DE FALA NA SOCIEDADE

Em seu “Interseccionalidade” Carla Akotirene (2019) explica sobre o conceito de interseccionalidade baseado no feminismo negro:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas indenitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça, e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2019, p. 15).

Quando a autora nos apresenta a interseccionalidade feminina, está falando sobre a relação inseparável do machismo com o racismo quando se trata da mulher negra. Sobre esse fenômeno, Grada Kilomba (2012), estabelece a mulher negra como o outro do outro, uma vez que ela reúne duas categorias que o inferioriza enquanto ser indivíduo em uma sociedade heteronormativa. Nem é homem e nem é branca.

De posse dessa conceituação, utilizamos o termo neste trabalho para tratar da inseparabilidade estrutural do racismo e do machismo ao se tratar do homossexual negro, pois nem é heterossexual nem branco.

Quando as construções das identidades masculinas são apresentadas por Connell (1995; 2000), Badinter (1993) e Moita Lopes (2002; 2006) de que homem estão falando? Do homem heterossexual e branco. Essa masculinidade heterossexual e branca é ainda reforçada na historiografia e conseqüentemente no sistema educacional, produzidos por um discurso colonial que exalta o heroísmo de homens, diga-se de passagem, nas condições masculinas apontadas pelos autores acima. Quando nos é apresentado o protagonismo intelectual, artístico, cultural de um negro? Quantos deles estão em condições econômicas favoráveis, quantos tem nível superior? Quantos tem visibilidade nos meios políticos, sociais, artísticos, enfim? Não sendo o objetivo desta pesquisa apresentar respostas a essas perguntas, apresentemos apenas em caráter de reflexão e quem sabe inquietação para um próximo trabalho.

E quando se trata de um negro homossexual em uma sociedade racista, perguntemo-nos agora: E o que é o homossexual afeminado e negro? Qual sua classificação sendo que suas características comportamentais e as vezes físicas não estão de acordo com a norma da construção indenitária do ser homem? Qual é o lugar de fala do homossexual negro e afeminado nessa sociedade? O que ele representa? Ele reúne três características que desconstrói a identidade masculina estruturada socialmente na história, e além disso lhe inferioriza como uma minoria dentro das minorias. Ele é homossexual, afeminado e negro. Nessa condição interseccional, o indivíduo passa a ter um triplo desafio de reconhecimento, aceitação para posteriormente (re)afirmar sua identidade fora dos padrões masculinos estabelecidos.

Primeiramente ele tem que vencer a pressão social do ser homem heterossexual, depois a imposição da postura máscula, pois se trata de um homossexual afeminado, posteriormente enfrentar o racismo étnico pelo fato de ser negro. Qual é o lugar de fala em uma sociedade de um indivíduo que apresenta essas características? Que condições sociais e econômicas essas pessoas vivem em sua maioria? Será se as oportunidades ofertadas são as mesmas para homens heterossexuais e brancos e para homossexuais brancos? Mesmo sendo o foco deste trabalho responder essas perguntas, ao entrevistar três homossexuais, podemos analisar a unanimidade de seus pontos de vista sobre essas questões.

Nosso primeiro entrevistado, número 1, professor de Biologia, desempregado solteiro 33 anos, homossexual afeminado assumido, nos afirmou que:

[...] ser homossexual afeminado traz várias limitações sociais, dentre as quais, conseguir emprego, ser aceito em sociedade, até mesmo na própria família.” Às vezes até ser aceito dentro do próprio grupo homossexual, o afeminado sofre preconceito, pois muitos gays não gostam de ter amizade com afeminados, dizem que temos a fama de fazer vergonha. O que não deixa de ser uma forma de preconceito.⁴

Ao ser questionado o motivo dessa resposta, o entrevistado explica:

Ah! As pessoas cobram muito que a gente seja reservado, no sentido de esconder o que realmente somos. Jeito de andar, falar, vestir, gosto musical. As pessoas não entendem que são comportamentos naturais e nos impõe o que elas determinam como atitudes definidas para homem e mulher.⁵

Ao ser questionado sobre o preconceito entre os próprios homossexuais, nosso segundo entrevistado, número 2, 28 anos, ensino médio completo, instrutor de dança, desempregado homossexual afeminado assumido e negro nos diz; “acredito que sim, na verdade o preconceito vem de termos caráter pessoal. Então acredito que tem si, afinal de tudo os próprios gays muitas das vezes se discriminam.⁶

Ao ser indagado sobre ter alguma vez se sentido prejudicado de alguma maneira por ser homossexual afeminado e negro, o segundo entrevistado afirmou que não. Interessante observar que os dois entrevistados em questão estão desempregados, sendo que o primeiro mesmo tendo nível superior, desde que se formou não conseguiu emprego, e o segundo sendo instrutor de dança, encontra-se sem atividade remunerada e nunca trabalhou de carteira assinada. Seria uma das causas a sua sexualidade? Não teria ele consciência disso? Não entramos nesse mérito nesta entrevista.

Nosso entrevistado número 3, 19 anos, acadêmico de nível superior, desempregado, homossexual afeminado assumido e negro, afirmou já ter sido por suas condições de homossexual e negro. Segundo ele: “eu trabalhava em um órgão público com aqueles chefes

⁴ Entrevista realizada em 14 de fevereiro de 2026.

⁵ Entrevista realizada em 14 de fevereiro de 2026.

⁶ Entrevista realizada em 14 de fevereiro de 2026.

velhos e que trabalham a 30 anos no mesmo cargo e nunca vão ser demitido por tratar a gente que nem lixo. Me trocaram de setor, disseram que a culpa era minha, inventaram coisas.⁷

Além dessas informações de cedidas por homossexuais declarados e por nós entrevistados, podemos também constatar o aumento do racismo e do preconceito resultando em criminalidades que vão do repúdio, discurso de ódio até mortalidade aos homossexuais. Sobre o índice de mortalidade, dados do observatório de mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil disponibilizado pelo Grupo Gay da Bahia – GGB, nos apresentam que mesmo que entre os anos de 2018 a 2023 os dados afirmem que tenha oscilado o índice de mortes de pessoas LGBTQ+⁸, em 2024 o Brasil permaneceu como o país com maior número de homicídios e suicídios de pessoas desta comunidade. Foram registradas 291 mortes violentas, 34 casos a mais que em 2023, um aumento de 8,83% em relação ao ano anterior (257 mortes). Já em 2025, o total de mortes violentas documentadas foi de 257, sendo 230 homicídios e 20 suicídios, uma redução de 11,7% em relação ao ano anterior. Esses dados são foram informados sobre o ano de 2026 até o momento. Em São Paulo, um grupo de homens heterossexuais formaram um grupo denominado “Os carecas”, cujo objetivo é o combate aos gays e à homossexualidade. Tal exercício é praticado através de violências verbais e físicas levando ao aumento também do índice de mortalidade neste estado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos a partir da influência da moral religiosa cristã ocidental, o patriarcado, a heterossexualidade e o racismo estruturando a ordem social, marginalizando indivíduos ou grupos não pertencentes a essas classificações. A partir disso e de acordo com o que foi apresentado nos tópicos acima, voltemos a questão inicial a que este trabalho se propõe. Ao falarmos sobre as construções de estruturas culturais do ser homem e da masculinidade, falamos também do homossexual? Falamos do homossexual afeminado e negro? Qual o lugar desse indivíduo na sociedade? Que avanços e conquistas essas pessoas tiveram ao longo do desenvolvimento social se é que dá pra falar que houve. Há um debate político com esse olhar

⁷ Entrevista realizada em 14 de fevereiro de 2026.

⁸ Os dados detalhados dessas informações, constam em anexo.

interseccional às minorias? Talvez essas respostas poderão ser positivas em um processo a longo prazo.

O que pretendemos ao realizar esta pesquisa, foi evidenciar a realidade da interseccionalidade ao se falar de um grupo minoritário. Utilizando de exemplos, assim como nos mostra Ribeiro (2019), não dá pra falar de feminismo sem evidenciar que dentro dessa categoria, existem realidades diferentes porque existem mulheres diferentes entre as quais, ricas, pobres, brancas, negras, lésbicas ou cada característica dessa junta a outras. Não dá pra falar de homem sem esclarecer que a história e as realidades entre homens brancos e negros ou heterossexuais e homossexuais são diferentes. Assim como não dá pra falar de homossexual sem deixar claro que entre homossexuais brancos, negros, afeminados ou não, as realidades, acesso, e limitações são distintas. Esses exemplos evidenciam que esses grupos, tornam-se uma minoria dentro de outras minorias ou o outro do outro como nos mostra Ribeiro (2019). Diante disso, nossa intenção foi apresentar que dentro desses grupos marginalizados pelo padrão normativo, há realidades distintas com olhares e necessidades específicas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

BANDITER, E. **XY**: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOR, Simone. **O Segundo sexo**: fatos e mitos. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

CAETANO, Márcio Rodrigo Vale; HERNANDEZ, Jimena de Garay; JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva. Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. **Revista Periódicus**. 2 ed. Novembro de 2014 – abril de 2015. ISSN 2358-0844. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12873/9175>. Acesso em: nov. 2025.

CONNELL, R. W. Políticas de masculinidade. **Educação e Realidade**, 20 (2) jul/dez, 1995.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Munster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/w3ZbQh>. Acesso em: nov. 2025.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**: Feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

ANEXOS

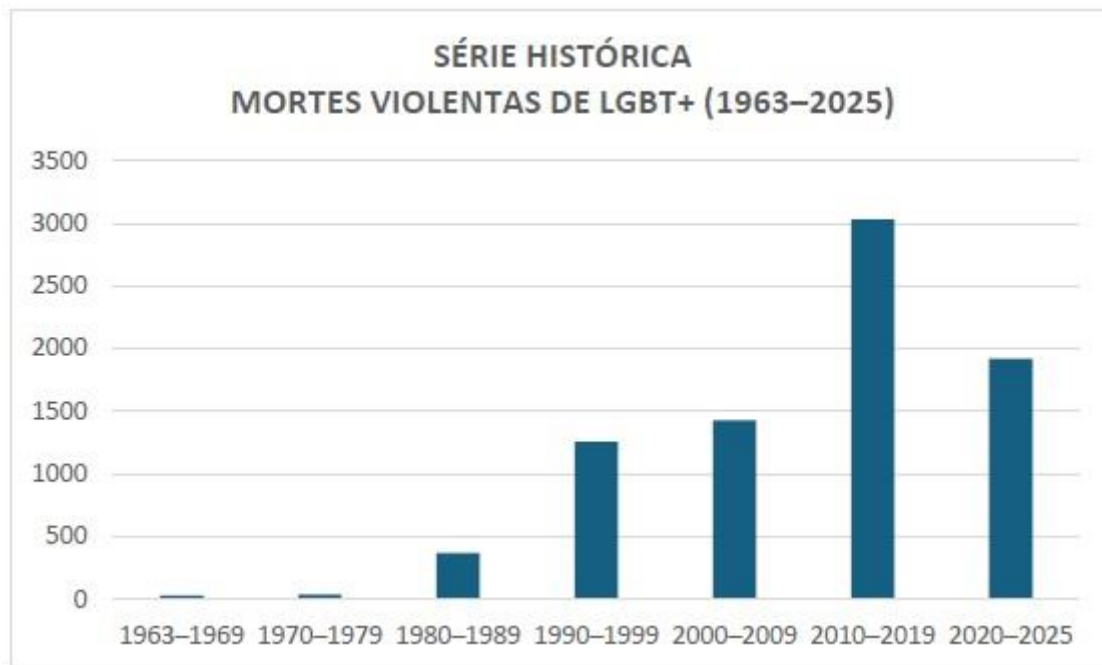
ANEXO I – Perguntas do questionário das entrevistas

Perguntas aplicadas em forma de questionário e entrevista a três homossexuais na cidade de Porto Velho.

1. O que é homossexualidade pra você?
2. Você se considera homossexual? Se sim, foi difícil você se reconhecer e aceitar enquanto homossexual? Por que?
3. Existe classificação no grupo homossexual? Se sim, que tipos?
4. Existe preconceito entre os homossexuais? Se sim, quais?
5. Existem terminologias que classificam os tipos de homossexuais?
6. Você percebe alguma diferença ao se tratar de homossexuais afeminados e negros?
7. Já sentiu que alguma vez foi prejudicado ou sofreu preconceito por ser homossexual e/ou negro?
8. Você pertence a que etnia/raça?.
9. Qual sua escolaridade?
10. Qual sua idade/Data de nascimento?

ANEXO II – Dados do observatório de mortes violentas de pessoas LGBT+. De acordo com o observatório de mortes violentas de LGBT+ no Brasil. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/>

Gráfico I – Índice de mortes violentas de LGBT+ entre os anos de 1963 à 2025



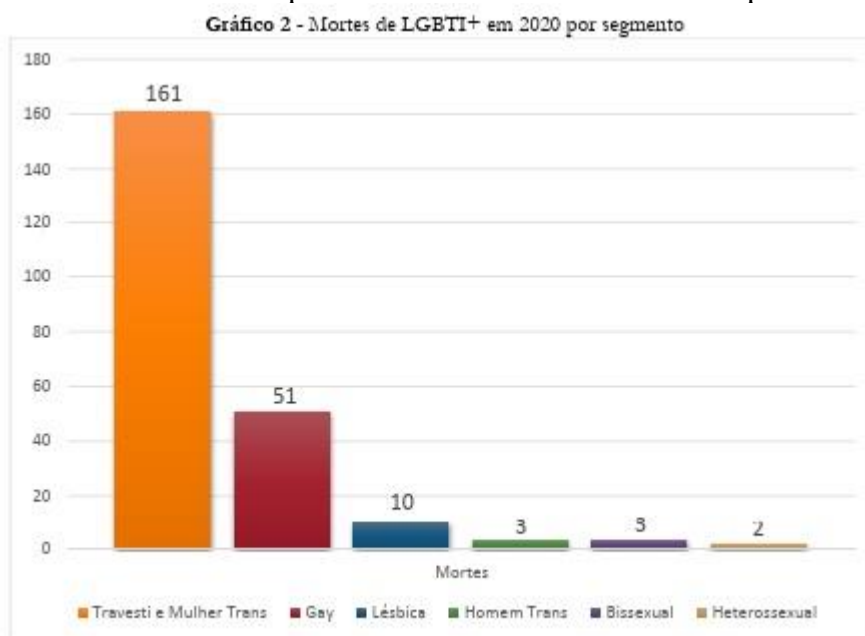
Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/observatorio-da-violencia/>. Acesso em 10/04/2026.

Gráfico II - Índice anual de pessoas LGBT+ mortas no Brasil de 2000 à 2018



Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/observatorio-da-violencia/>. Acesso em 10/04/2026.

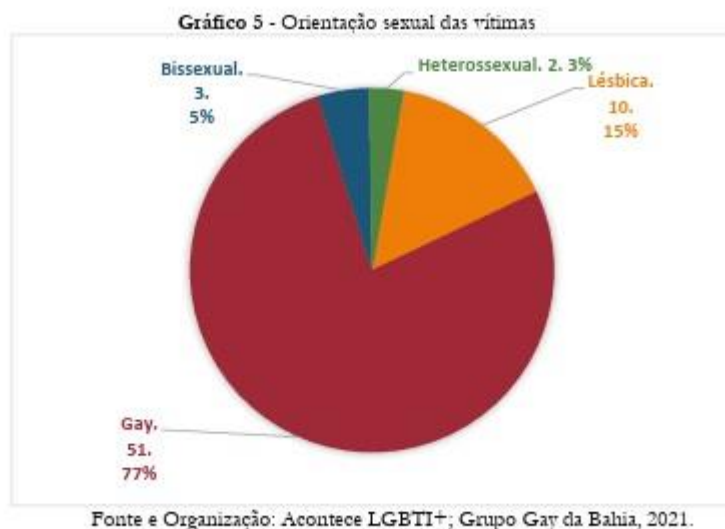
Gráfico III – Mortes de pessoas LGBT+ em 2020 no Brasil por orientação sexual



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

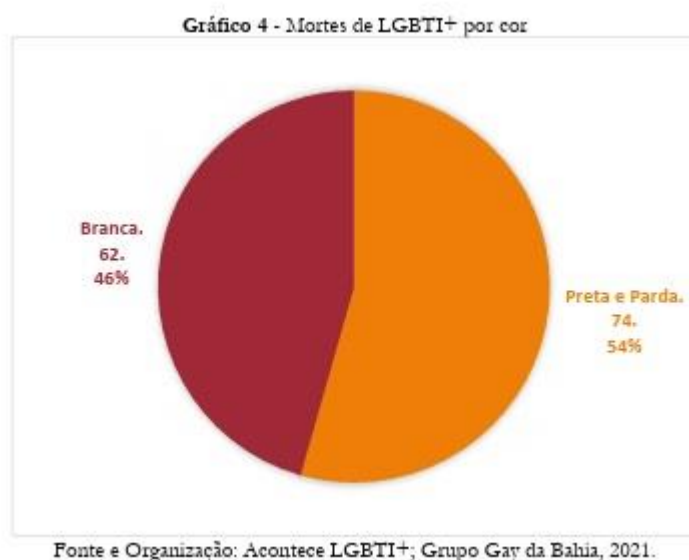
Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/observatorio-da-violencia/>. Acesso em 10/04/2026.

Gráfico IV - Mortes de pessoas LGBT+ em 2021 no Brasil por orientação sexual



Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/observatorio-da-violencia/>. Acesso em 10/04/2026.

Gráfico V – Mortes de pessoas LGBT+ em 2021 no Brasil por cor



Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/observatorio-da-violencia/>. Acesso em 10/04/2026.